

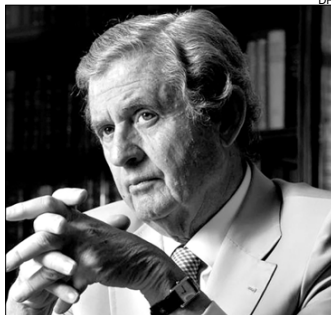
Esta noite com Fernando Santos, João Lobo Antunes e Henrique Leitão

Auditório Vita recebe conferência sobre cultura

“Cultura” é o tema da segunda conferência do ciclo “Olhares Sobre Economia, Cultura, Política e Família”, que se realiza esta noite, pelas 21h00, no Auditório Vita.

O selecionador nacional Fernando Santos, o conselheiro de Estado João Lobo Antunes, e o físico e vencedor do Prémio Pessoa 2014 Henrique Leitão, serão as figuras de cartaz do debate que será moderado por Carlos Magno, presidente da Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

O ciclo de conferências, que conta com a parceria da consultora bracarense GTI, é organizado pela Nova Ágora, uma plataforma criada pela Arquidiocese de Braga para promover um espaço de debate



Fernando Santos, João Lobo Antunes, Henrique Leitão e Carlos Magno participam no debate

e aproximação entre crenças e não crenças.

Com a iniciativa, a Arquidiocese pretende promover um «verdadeiro espaço de encontro, capaz de congregar diferentes perspectivas, ideologias e vivências, pois acreditamos que esse é o caminho para uma sociedade mais autêntica e coerente».

«Para combater a crise de valores que atinge a sociedade moderna, é urgente recusar os discursos construídos, as frases feitas e os pensamentos talhados, encarando o saber acolher e respeitar a diferença de opinião como um passo importante para encontrar novos rasgos e novas soluções», refere o Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga.

Recorde-se que o ciclo

“Olhares sobre...” começou no passado dia 13 com a participação de Miguel Cadilhe, Silva Penada e João Prouença.

Em março, o ciclo de conferências regressa ao palco do Auditório Vita, nos dias 13 e 20, para debater os temas “Política” e “Família”, respetivamente.

O painel de oradores para debater o tema “Política” ficará a cargo da ministra da Agricultura e do Mar, Assunção Cristas, do deputado José Junqueiro e do professor universitário Miguel Morgado.

O ciclo encerra no dia 20 de Março com uma reflexão sobre a “Família”, apresentando como conferencistas António Pinto Leite, Margarida Cordo e Rosário Carneiro.

Ponto de Vista

Olhar sobre a Cultura: Portugal geneticamente plural

As sociedades contemporâneas ditas desenvolvidas, aonde se inscreve Portugal, estão a passar por um processo de grande aceleração, em parte devido ao fenómeno da globalização, com a sua aposta no progresso, e veio abrir o mundo a uma infinidade de possibilidades e interpretações. A cultura de um povo não é alheia a estes fenómenos. Ela situa-se no tempo e no espaço. Absorve todas as transformações e reveste-se dos tons do tempo em que se posiciona, assumindo os novos conceitos, práticas, subjetividades, padrões, linguagens, significados, etc.

A cultura portuguesa não pode escapar à influência lógica que envolve

a identidade europeia, em que o seu modo de estar, de ser e de viver se confunde, em última análise, com a forma de estar, de ser e de viver de um europeu. Portanto, este fator bidirecional torna-se um fator igualmente essencial na compreensão da nossa cultura, como que ao desvelar o que significa ser português, se estivesse a atribuir significado ao que é ser europeu. Seria, assim, importante, para compreender a cultura portuguesa contemporânea, entender o que significa ser europeu.

E a pergunta que de imediato se nos ocorre é: existe uma cultura europeia? Partindo do princípio de que a Europa não é um continente puramente

determinado por conceitos geográficos, mas antes uma construção cultural e histórica, poder-se-ia perguntar pelas características peculiares que fundaram essa construção e que determinaram um modo particular de pensar e de viver.

Sem se querer adentrar pela análise da cultura europeia, não é esse, pois, o objetivo deste Olhar, julgamos importante evocar como que os pilares da sua fundação para assim melhor se entender a nossa identidade. Antes de mais, a Europa é uma ordem de valores, uma civilização, em torno essencialmente da cultura grega e romana, que deu origem à construção de um edifício político, económico, social

e cultural comum. Trata-se, sobretudo, de um património de valores culturais e de pensamento político, alcançados através de histórias comuns de vitórias, de trabalho, de lágrimas e de fracassos.

Esta construção comum valoriza a liberdade e a dignidade humana, o valor absoluto da pessoa e os direitos humanos como valores que precedem qualquer jurisdição estatal; o casamento monógamo como base fundamental da relação entre homem e mulher; a família como estrutura essencial de uma comunidade; a fraternidade ou solidariedade como princípios fundamentais da convivência do ser humano; o respeito pela diferença e a igualdade de

oportunidades, etc. A Europa não seria Europa se a estrutura fundamental do seu edifício sociocultural se desmoronasse.

A cultura e a identidade de um povo surgem assim da dialética entre o indivíduo e a sociedade (Giddens) por referência a processos configuradores das relações sociais e a sistemas sociais, como sejam as normas e os valores coletivos, ao que Deschamps designa por “um universo simbólico comum de valores”. Logo, a identidade coletiva não é definitivamente resultado de células insuladas, mas de uma construção participada por todos os indivíduos de uma comunidade, que é naturalmente geradora de ma-

nifestações e de significados múltiplos.

Portanto, a nossa identidade cultural é um comprometimento entre a existência com as nossas singularidades e a natural convivência com outros povos que têm também a sua própria história.

Compreende-se, assim, que a cultura portuguesa, fruto de uma herança abastada multicultural, tanto da filosofia e democracia gregas e do direito romano, como das relações coloniais com África, Brasil e Índia, solidifique uma identidade que, embora geneticamente pouco diferenciada, é culturalmente muito rica.

Eduardo Duque,
Coordenador da Nova Ágora
e Professor da UCP